

JORNAL

Modas, Litteratura, Bellas-Artes, Theatros e Critica.

○ programma e condições deste jornal encontram-se na ultima pagina.

MODAS



Fostes ao baile do Cassino Fluminense?

E ao Cassino Medico?

Estivestes no theatro lyrico?

E o pobre do Negri, coitado!... que voz *elephantina*!

Que me dizeis da vossa mesa? gyrou? o vosso chale pulou? os vossos anneis ja dançarão? fizestes a experiencia do sabonete?

Já vos inscrevestes na sociedade Phil'Euterpe?

Para que?

Para o beneficio em favor dos Madeirenses necessitados.

Eis aqui estão, queridas leitoras, as perguntas repetidas, animadas, incessantes, que de todos os salões partirão aos meus ouvidos, mal entrava e sentava-me. Meu bom Deus! cheguei a vencer-me que durante a semana jamais acabaria de responder a tantas perguntas, porque, depois dellas, não só principiavão outras muitas á respeito das novidades, effeitos e galantarias do magnetismo, que bem sabeis como são tantas e tão certas, que a ouvirmos de cada *um de nós* a historia do que temos feito da mesa, da moeda, do chapéo, da facea, da chave, do lenço, e de uma immensidade de cousas mais, não haverá mãos a

medir, nem ouvidos de sobra, nem tempo que chegue, para á nossa satisfação attendermos á tanta cousa; mas ainda outras tantas perguntas houverão das novidades e distincções da moda, no que diz respeito a *toilettes* de hom tom, e ao movimento, á animação dos bailes, das partidas e de todas as bellas reuniões enfim que tivemos a semana passada.

Em consequencia do que posso dizer-vos, querida leitora, que o mez de Agosto principiou perfeitamente bem, embora trouxesse-me de presente essa somma de perguntas, á que tive de dar igual somma de respostas, posto que umas magneticas, outras magnetisadas, e muitas em estado de *somnambulismo*... oh! como já fallo scientificamente!... Mas como não sou da reprovada classe dos egoistas, não costumo avaliar a alta ou baixa do prazer e das venturas alheias por aquella porção que me toca: o gozo e a felicidade geral são o meu thermometro para taes apreciações.

Desde o dia 1.º do mez que a sociedade elegante fluminense não principia, mas prosegue nos seus gozos, nas suas festas, nos seus prazeres. Os salões, revestidos de todas as suas galas, fulgurão de noite em noite ao bello aspecto

de um baile concorrido e animado. Desta vez foi o Cassino Fluminense o primeiro a dar o seu baile, cuja reunião esteve magnificamente brilhante. Lindos senblantes, graça e espirito, prazer, muita dança e bom serviço, fazem por certo um conjuncto encantador, que se gerrama pelos satões, e delles fórma o paraíso terrestre, onde vale a pena viver, aspirando o alento dessa atmosphaera que nos enleva e extasia.

Dos muitos *toilettes* novos que apparecerão e realçarão, bellos e encantadores, vou dar-vos noticia de alguns.

— Da Sra. D. — T. S. F. — Vestido de tarlatana branca, de tres folhos bordados de prata e seda branca. Corpinho de bico, enfeitado com cabeção á Luiz XV, de renda de prata e laços de fita prateada. Penteados, de flores de cores matizadas e folhagem prateada, feito a Fontanges.

— Da Sra. D. — E. B. — Vestido de filó azul, de tres saias bordadas de prata, regaçadas por laços de fita azul. Berthe á Luiz XV, de renda de prata. Grinalda e ramo do peito, de flores azues, com folhagem de prata.

— Da Sra. D. — F. L. — Vestido de grenadine, saia de tres folhos com listas de setim azul e listas prateadas. Cabeção da mesma fazenda á Luiz XV, guarnecido de lista de setim e prata. Grinalda e ramo azul.

— Da Sra. D. — J. M. — Vestido de tarlatana com tres folhos dourados. Cabeção á grega, guarnecido de galão de ouro. Mangas muito curtas e muito enfeitadas, tambem de galão de ouro.

— Da Sra. D. — M. N. de A. — Vestido de rica seda lavrada, verde clara. Saia enfeitada de duas ordens de renda preta. Cabeção á grega, enfeitado de renda e flores. Grinalda de flores no penteados.

— Da Sra. D. — M. V. de A. — Vestido de chalmote cor de ouro. Saia, guarnecida de duas ordens de renda, ponto de Inglaterra. Berthe da mesma renda, com laços de fita no peito. Plumas cor de ouro na cabeça.

— Da Sra. D. — A. C. de M. — Vestido de nobreza cor de pecego, folhos da mesma fazenda recortados na saia. Corpo de bico com cabeção da mesma fazenda. Grinalda e ramo do peito, de flores de Constantino.

— Das tres irmãs. — Vestidos iguaes, de tafetá branco. Saia, ornada de cinco folhos recortados a ferro e enfeitados de fita dourada. Cabeção á grega, guarnecido de flores e fita branca dourada. Grinaldas de flores da mesma cor misturadas com espigas de ouro.

— Da filha da Sra. viscondessa de S. S. — Vestido de tafetá, furtas cores, de ouro e branco. Saia enfeitada de quatro folhos da mesma seda recortada. Cabeção á grega, ornado de entremecio de blonde. Grinalda e ramo do peito de *fleurs des champs*.

DESCRIPÇÃO DA ESTAMPA.

TOILETTE DE PASSEIO. — Chapéo de filó ornado de blonde, de fita e de flores do campo. Este chapéo todo o seu *distingué* está na fórma das

ábas, que são immensamente pequenas, deixando apparecer mais de meio da cabeça.

Roução verde, de tafetá *Eugenie*, enfeitado de pequenos botões e de galões de seda.

Cintura mais comprida adiante.

Corpinho afogado, justo, ornado adiante de tres ordens de canudos em fórma de cartuxos reunidos e presos na cintura em pregas cosidas.

Mangas dobradas, em fio direito, justas em cima nas espaldas e mui largas em baixo. A que fica por cima é abotoada de alto a baixo, um pouco sobre o lado. A largura do panno da frente da saia é recortada em duas ordens de escamas, e sobreposta no outro panno guarnecido de uma abotoadura de cima a baixo de fórma a fingir um panno sobre outro simplesmente abotoado e não cosido.

As mangas são do mesmo modo preparadas.

Sub-mangas e collarinho de cassa lisa.

GRANDE TOILETTE DE VISITA. — Chapéo sem côpa ou fundo.

É um novo e gracioso modelo de chapéos, á maneira de concha de tartaturaga, feita de filó e tiras de palha de arroz, que vêem reunir-se de cada lado sob um *boquet* de plumas brancas. Um volante de blonde bordado de ouro enfeitado toda a ába, de sorte que em cima este volante cabe sobre a testa, e dos lados desprende-se para fóra até á altura das bridas, que são de fita de tafetá bordada de ouro. É um dos mais encantadores chapéos que se tem inventado.

Pelisse, de tafetá, guarnecida de veludo e renda, rica e habilmente preparada com os mais delicados enfeites e novidades de gosto.

Vestido de seda violeta bordada de salpicos.

Sub-mangas de renda de Veneza.

Lenço de ponto de Alençon e luvas braucas de pelhica.

Cattete, 29 de Julho.

Christina.

ROMANCE.

A DAMA DAS CAMELIAS.

X.

(Continuação do n. 51.)

— Aqui está porque não quiz confessar logo o meu peccado. Quem tudo quer saber sabe muitas vezes de cousas que lhe desagradão, disse Margarida com ingenuidade.

— Eu não me enfadei convosco, não, Margarida, accrescentei. É tão natural que alguém vos esperasse aqui á aquella hora, como é retirar-me agora de vossa casa.

— Ah! Então alguém vos espera tambem em casa?... perguntou-me fingindo não entender o remoque.

— Não.... mas devo por força ir-me embora.
— Então... *adeusinho*.
— Então quereis que com effeito eu me retire?... perguntei-lhe.
— Não, respondeu-me.
— Mas porque-me affligistes? repliquei.
— Como? perguntou-me.
— Dizendo-me que alguém vos esperava em casa.

— Porque quero que me julgueis como realmente sou.

— Antes vós não m'o tivésseis dito.

— Eu não sou nem mulher casada, nem moça recatada, e além disso não tenho a quem dar satisfações do que faço. Se começais assim, o que não sereis, quando vos eu pertencer, se algum dia tal acontecer!... Aborreço de morte os homens ciumentos, e já vejo que o sois em demasia.

— Eu não tenho, nem posso ter ciumes de vós, repliquei; mas amo-vos como nunca ninguém vos amou.

— E' devéras isto?...

— E' tão certo como Deus é Deus.

— E é *velho* o vosso amor?

— Amo-vos, Margarida, desde que vos vi em casa de Susse, ha tres annos, pouco mais ou menos.

— E que quereis que faça para retribuir essa affeição? perguntou-me.

— Quero que correspondais á ella.

« Margarida começava a interessar-se por mim. E por isso me disse:

— Mas que *sahida* hei de dar ao duque?

— Que duque? perguntei.

— Ao velho que vem sempre aqui.

— Dir-lhe-heis que nunca mais volte cá.

— Isto não,

— Então consenti que elle venha á vossa casa, mas não o ameis mais.

— Mas se elle descobrir que vindes tambem aqui?

— Não ha de fazer nada.

— Qual! Deixa-me ás moscas, e então fico em maré de *yasante*.

« Eu me havia approximado involuntariamente á Margarida por fórma que a abracei, dizendo-lhe:

— Se soubesseis como vos adoro....

— Devéras?

— Juro-vos,

— Está bom, basta. Se fôrdes condescendente talvez que eu venha a amar-vos.

— Estarei por tudo quanto quizerdes, respondi.

— Veremos, e desde já previno-vos de que não quero rixas nem replicas. — Ha muito que desejo ter um amante moço, mas condescendente, e que me ame, mas sem ser ciumento. Os homens não se satisfazem com o que lhes concedemos, não; querem que a gente ponha em pratos limpos o passado, o presente, e até o futuro, e serem senhores absolutos de nós. Se de futuro me resolver a ser vossa.... ha de ser com tres condições, que são estas: — confiança inteira e reciproca — submissão completa — e *discreção*....

— E muito amor, não? accrescentei.

— Isto não é condição — é necessidade.
— Pois bem, sугeíto-me ás tres condições já ditas.

— Veremos, disse Margarida.

— Até quando?

— Até.... E levantou-se, tirou uma camelia cor de rosa de um ramo, que estava sobre a mesa, e pregou-a no peito da minha casaca.... que se ponha em execução *este tratado*.

« Não é possível descrever-se a graça com que disse estas palavras.

— E quando poderei voltar cá?

— Quando essa camelia desabrochar.

— E quando será esse quando?

— Amanhã das onze horas até meia noite.... E *caluda*, ouvistes? E venha lá um abraço....

— Dei-lhe um abraço e mais um beijo.

— Agora, vades ver o que estarão fazendo lá dentro os dous ponibinhos que ficarão na sala de jantar.

« No caminho Margarida disse-me mais isto:

— Sabe Deus o que tereis dito de mim com os vossos botões.... Mas quereis que vos diga porque sou tão *facil*? E' porque, apesar de estar certa de que não vou muito longe, quero apressar o termo dos meus males.

— Não falleis assim, Margarida, disse-lhe beijando-lhe as mãos, que com as minhas levára ao coração, que pulsava violentamente.

— Consolai-vos, meu amigo, porque, apesar do meu estado, antes de morrer, vós vos tereis esquecido de mim.

« E entrou na sala de jantar cantarolando.

— Onde está Annica? perguntou á Eugenio e á Prudencia, que conversavam juntos.

— Succumbiu ao somno, respondeu Prudencia.

— Pobre moça! disse Margarida. Com effeito é quasi dia; e portanto, meus senhores, *olho da rua*.

« Em menos de dez minutos, eu e Eugenio nos pozemos fóra de casa. Prudencia ficou com Margarida, sem duvida para lhe dar contas da incumbencia, que ella lhe fizera.

« Em caminho Eugenio me perguntou:

— Então como ides de amores?

— Mal, lhe respondi.

— Então, não acreditou nas vossas juras?

— Não.

— Pois o mesmo não fez a tal Prudencia, que é a mulher mais delambida que eu tenho conhecido.

XI.

Armando parou então um pouco, e me disse:

— Peço-vos que fecheis a janella, porque sinto frio. E despindo-se metten-se na cana.

— Fallastes muito, lhe disse, e por isso não deveis levar a mal que me retire, para que possais dormir. Virei depois ouvir o resto de uma historia tão interessante.

— Pois então, retorquiu Armando, deixai que eu vol-a conte hoje mesmo, porque, se vos retirardes, ficareis aqui a sós, e não poderei pregar olhos.

« E continuou assim:

« Cheguei á casa, e, não podendo dormir,

passai em resenha quanto me acontecera. O meu encontro com Margarida, a apresentação que á ella me fez Eugenio, o que me disse, enfim tudo fora tão rapido, que julguei estar sonhando, e todavia não era novo que uma mulher como Margarida aceitasse para logo as juras de um homem que vira pela primeira vez, e por certo que, a não ser assim, não valeria a pena correr Séca e Meca para alcançarmos as *bóas graças* de mulheres da laia dessa que eu requestava. Apesar porém das reflexões que fiz então, a impressão que essa mulher fizera em mim foi tal que enxergava nella, não uma mulher *fadista*, mas uma moça que se apaixonara por mim. A vaidade do homem arrasta-o muitas vezes a supposições desta ordem!

« Dos que estavam em casa de Margarida, quando foi accomettida do ataque de peito, o unico que se interessou por ella fui eu. E por isso, e tambem porque, enquanto esteve doente, eu a visitei frequentes vezes, Margarida enxergou em mim outro homem diferente dos que a requestavão.

« Não pude dormir toda a noite, e logo que clareou o dia sahi.

« Passei pela rua d'Antin, e vi á porta de Margarida o seu carro: dirigi-me então para os Campos Elysios, nadando em prazer.

« Puz-me a passear de um lado para outro n'um lugar em que por força havia de passar, e por onde passou com effeito: cortejei-a, e não só correspondeu ao meu cortejo, como olhou para mim com ternura.

« Um pouco mais adiante vi parar o carro, e um moço, que conversava com outros, sahir da roda e ir fallar-lhe.

« Trocáráo algumas palayvas, depois do que o carro seguiu. Foi reconhecer esse mancebão, que era o conde G..., cujo retrato vira em casa de Margarida, como já vos disse anteriormente.

« Atinei que Margarida lhe deu uma pequena satisfação por não ter consentido na noite antecedente se lhe dêsse entrada em sua casa.

« Não me lembro do que fiz naquelle dia inteiro; mas o que sei é que corri todas as ruas de Pariz, que fumei muitos charutos, e que fallei muito.

« A' noitinha recolhi-me á casa e vesti-me no rigor.

« A's dez e meia sahi.

« Morava eu então na rua de Provence; tomei pela de Mont-Blanc, entrei na de Louis le Grand, e sahi na d'Antin: olhei para as janellas da casa de Margarida, onde vi luzes.

« Bati, e perguntando por Margarida, disse-me o guarda-portão que — a senhora só se recolhria das onze horas em diante.

« Puz-me então a passear, rua abaixo, rua acima, e d'ahi á meia hora vi passar o carro de Margarida, que se apeou d'elle.

« O carro entrou logo na cocheira; e, na occasião em que subia o primeiro lance da escada, cheguei-me á ella e dei-lhe boas noites.

— Ah! sois vós? disse admirada.

« Cahi das nuvens; mas assim mesmo retorqui-lhe:

— Não vos lembrais que me convidastes para hoje?

— Ora ali está!... disse ella. Nem de tal cousa me lembrava.

« Entrámos juntos, e Annica veio abrir a porta.

— Prudencia já veio? perguntou-lhe Margarida.

— Não, minha senhora.

— Pois então vai outra vez á sua casa... mas apaga primeiro a luz da escada, e previne lá em baixo que não fallo, nem recebo ninguém.

« Estas palayvas forão ditas de maneira que me pareceu que Margarida me recebia contra a vontade.

« Dirigiu-se depois para o seu quarto de dormir, e fui atraz della sem saber o que fazia.

« Tirou o chapéo, e sentou-se n'uma cadeira de braços junto do fogo.

« E, brincando com a corrente do relógio, me disse:

— Que ha de novo por este mundo, meu cavalheiro?

« Respondi-lhe: — Supponho que sou de mais aqui.

— Não ha tal... estou um tanto incommodada porque não dormi o resto da noite... e passei mal hoje, e porque tambem ainda estou em jejum.

— Quereis que me retire? perguntei-lhe.

— Não, respondeu.

« Tocou-se então a campainha.

— Quem será? disse enlezada.

« Tocáráo segunda vez.

— Pelo que vejo, disse Margarida, deixáráo-me *sósinha*.... E que remedio tenho senão ir ver quem bate....

« Ouvi voz estranha, que me pareceu ser do conde N...; que perguntou a Margarida:

— Como passastes?

— Mal, respondeu Margarida.

— Creio que vim incomodar-vos.

« Calou-se.

— Porque me tratais assim, Margarida?

— Porque, respondeu ella, não tem conta as vezes que vos tenho dito que não quero saber se sois vivo ou morto. Ora, adeus, que estou muito incommodada.

« E, sem mais, retirou-se, dizendo á Annica, que a acompanhára:

— Recommendo-te especialmente que não dês entrada nesta casa áquelle *toleirão*. Estou farta de aturar semelhante *córja*, que quer por força que eu ouça seus *palanfreiros*. E' melhor pedir-se uma esmola de porta em porta do que ser o que sou!... Ha occasiões em que tenho vontade de vender tudo quanto possuo para ir finir-me n'um canto da terra esquecida de todos, e arrependid dos meus muitos peccados.

— Não vos amofineis, minha ama, disse Annica.

— Desata este vestido, antes que eu o despedace, disse Margarida. E traze-me um roupão. E nada da tal Sra. Prudencia!!



Jules David

361.1.

LE MONITEUR DE LA MODE



Modes d'Alexandrie. Robe de la M^{lle} Orléans. Coiffure de M^{lle} Nathalie (M^{lle} Huchez) et Richelieu. 34.
 Manteau de Chapman et de la M^{lle} ... Richelieu Bayard et de la M^{lle} ... et J^e Denisson.
 Tente de Camille Duchateau et M^{lle} ... Dentelle de Cambrai et coiffure de M^{lle} Clémence et du Port
 Malin. Gants, bijoux, éventails de M^{lle} ... Saboulet et Richelieu et Chocolats de la Comp^{te} Coloniale Entrepôt
 pour M^{lle} ... Pajama de la ... française et ... de l'Inde de France. Bijoux
 en l'honneur de ... et ... de la Comp^{te} Coloniale et ...

Paris Rue Richelieu 32

— *Ella* ainda não tomou casa, minha ana; mas deixei dito que viesse aqui logo que chegasse, disse Annica.

— Ando com a pulga na orelha a respeito dessa *abelha* mestra, que vivendo, pôde-se dizer, ás minhas sôpas, não é capaz de fazer a menor *cousa* em meu favor. Sabe Deus por onde andará á esta hora, disse ainda Margarida.

— Estou certa que ha de fazer o que lhe pedistes, minha ama.

— Vai buscar *ponche*, Annica.

— Para que, minha ama, quereis arruinar vossa saude?

— E' da tua conta isso? perguntou Margarida. Traze tambem a ceia, porque estou com fome. Ficais para ceiar, não? Eu vou lá dentro, e no entanto podeis ler alguma *cousa*.

« E sahii, accendendo as velas de um candelabro.

« A sós, puz-me a passear pelo quarto, pensando na vida dessa mulher; por quem cada vez me interessava mais.

« E foi então que entrou Prudencia, que me perguntou:

— Onde está Margarida?

— Foi lá dentro, respondi-lhe.

— Então fico esperando que volte.... Já sabeis que está *morta* por vós?

— *Morta* como? perguntei-lhe.

— *Morta* de amores, respondeu.

— Devéras? perguntei-lhe.

— Sim.

— Pois não parece, porque recebeu-me ha pouco muito mal.

— Não façais caso, porque é muito cheia de *nicas*....

— E creio que hoje está de candeias ás *avesas*, accrescentei.

— E por signal que eu sei porque. Mas ha de tornar-se ás *boas*, logo que me vir.

— E que vos disse ella de mim? perguntei á Prudencia.

— Hontem á noite, ou, para melhor dizer, hoje de manhã, quando vos retirastes com o vosso amigo.... Mas a proposito.... como passou Eugenio? Creio que é este o seu nome, não? perguntou Prudencia.

— Sim, disse-lhe; e ri-me, lembrando-me do que, a respeito dessa *tartaruga*, me dissera Eugenio em caminho para casa.

— Gostei muito desse moço.... De que vive elle? perguntou-me.

— Vive, respondi, de suas rendas, que excedem a vinte e cinco mil francos.

— Caspito! disse Prudencia arregalando os olhos.... que pechincha!... Mas tornemos á *vaeca* fria.... Margarida perguntou-me quem creis — que occupação tinheis, etc.; e eu respondi-lhe, já se sabe, pondo-vos nas nuvens.

— Muito obrigado, retorqui. Mas, porque é que deseja tanto fallar convosco? perguntei.

— Porque.... cá por certa *cousa*....

« E calou-se, porque Margarida appareceu no *trinque*.

— Estivestes com *elle*? perguntou a Prudencia, logo que a viu.

— Sim, respondeu.

— E então, quanto vos deu?

— Seis mil *homens*.

— De corpo presente?

— Sim.

— E com má cara? ..

— Não.

— Coitado!

« Este *coitado* foi dito de um modo, que não posso descrever-vos; e, quando recebeu os seis bilhetes de mil francos, accrescentou:

— Este *dinheiro* fez-me andar em *suores* frios. E tu, minha Prudencia, não estás balda ao *naipe*?

— A fallar a verdade, estou *na pinga*.... e se podesseis dispensar abi uns trezentos ou quatrocentos francos, não seria máo, disse a velhusca, coçando a cabeça.

— Está bom, manda-os buscar amanhã, porque não tenho *troco* aqui agora.

— Mas, veja lá se fica isso no rol dos esquecidos, disse a *matreira* mulher.

— Não fica, não. E não queres ceiar com-nosco? perguntou Margarida.

— Não posso, porque Carlos ha de estar á minha espera.

— Ah!... velhaca.... disse Margarida.

— Que quereis que faça, se cabe como um *patinho*. Até amanhã Margarida.... adeus, Armando, disse, e sahii.

« Margarida abriu então uma gaveta, onde guardou o dinheiro, depois do que me disse:

— Deixai-me tomar *folego* agora.

« E deitou-se.

— Podeis vir conversar aqui.... E é verdade; perdoais a maneira porque ha pouco vos recebi?

— Perdão, sim, respondi.

— E continuais a querer-me como até agora? continuou, rindo-se.

— Sim, sempre Margarida.

— Apesar de todos os *pezaros*? perguntou.

— Sim.

— Devéras?

— Sim.

« Annica entrou com alguns pratos, um frango frio, uma garrafa de Bordeaux e *fructas*.

— Não trouxe o *ponche*, porque não quero que minha ama estrague a sua saude. Não fiz bem, meu caro senhor? perguntou-me.

— Sim, respondi, e Deus vos pague.

— Está bom; vai-te embora. Has de estar cansada, porque não teus *pregado* olhos ha umas poucas de *noites*, disse Margarida.

— Então, não acha minha ama melhor que eu mande fechar a porta da rua? perguntou Annica.

— Sim, disse Margarida, e desde já te aviso que não fallo com ninguem amanhã *scuão* depois do meio dia. Ouviste?

« E Annica sahii.

(Continua.)





POESIA.

AVENTURAS DE UMA ROSA.

Linda Rosa, flôr de Venus,
Grato assombro dos sentidos,
Por ti attrahidos
Favonios ligeiros
Vir-te-hão prazeteiros,
Submissos buscar.

Porém não; teu fado é outro,
Te competem bens maiores:
Rainha das flôres
De Nize has de ser;
Eximio prazer
Irás desfructar.

Ou bem a fronte lhe adornes,
Ou bem lhe pouses no seio;
Em magico enleio,
Do throno esquecida,
Entrando em mais lida
Ver-te-hão exultar.

Na frente!... É lá que se crião
Os fructos do engenho ardente,
Fecundo, vehemente,
Risonho, brilhante,
Que marcha triumphante,
Sem nunca parar.

No seio!... Ali se agosallhão
Elevados sentimentos,
Briosos alentos,
Credores do sceptro,
Que a prosa, que o metro
Mal podem louvar!

Indo ter á fronte airosa
Lá tens muito em que entender:
Lá podes saber
Se ternos cuidados
Em mim empregados
Estão sem cessar.

Indo ter ao seio undoso
Môr vigilancia precisas:
Ah! vê se divisas
No doce calor
Aquelle que amor
Só pôde atear.

Vê bem se a mão delicada,
Pegando em ti, estremece:
Quem não reconhece
No abalo convulso
O solrego impulso
Que faz delirar?

Repara bem nos seus olhos:
São famosos oradores,
Reccios, amores,
Deleite, tristeza,
Com quanta destreza
Costumão pintar!

Vai pois, confidente amavel,
Gozar tamanha ventura:
Entanto procura
Saber se o destino
Suave ou ferino
Me tem de tratar.

Achal-o-hei desenhado
Na côr tua, em teu odor:
Pintora de amor,
Copia a verdade:
Com quanta anciedade
Te irei consultar!

Maldonado.



① Lenço azul.

No fim do mez de outubro do anno passado, eu voltava, a pé, de Orleans para o castello de Bardy, quando encontrei na estrada um regimento da guarda estrangeira. Travei conversação com um official, com quem tinha algum conhecimento, e assim fui acompanhando a tropa por espaço de meia hora. No fim deste tempo, vendo que o regimento tomava para uma planicie que estava á direita da estrada, perguntei ao official se ião fazer exercicio.

— Não, me diz elle, vamos julgar, e provavelmente fuzilar um soldado da minha companhia que roubou hontem o patrão onde ficou aboletado.

— Pois como! lhe repliquei admirado; pois vão julgar-o, sentencial-o e executal-o no mesmo momento?

— Sim, me respondeu; assim o manda o nosso regulamento.

— Esta razão para elle era sem réplica. Para um militar suizo, a razão, a honra, a justiça, a mesma humanidade, tudo está no que diz o seu regulamento.

— Se quereis demorar-vos um pouco, continuo o official, e assistir á execução, eu vos darei logar: isto pouco se demora.

Nunca havia presenciado estes tristes espectaculos, e veio-me a idéa de conhecer o que era a morte sobre o rosto de um moribundo. Segui o regimento.

Logo que este entrou na planicie, formou um

quadrado. Destacarão-se immediatamente alguns soldados, que começaram a abrir uma cova. Um alferes os commandava, porque tudo n'um regimento suizo se faz com ordem, e até deve haver disciplina para abrir a sepultura de um homem.

No centro do quadrado se ajuntarão oito officiaes; um delles escrevia algumas palavras em cima de um tambor, simplesmente porque se não dissesse que se havia matado um homem sem alguma formalidade.

Foi chamado o réo. Era um mancebo de estatura alta, figura nobre e agradável. Perguntarão-lhe seu nome e patria, e logo mandarão avançar uma mulher, unica testemunha que havia neste processo. Ião interrogal-a, quando o soldado atallhou, fallando para o seu coronel:

— São desnecessarias as perguntas, senhor, eu confessarei meu crime: furtei um lenço á essa mulher.

O Coronel. — Tu, Piter! Passavas por tão bom rapaz!

Piter. — É verdade, meu coronel; sempre fiz as diligencias para ser bem visto dos meus officiaes... Mas tambem não foi para mim que furtei... foi para Maria.

O Coronel. — Quem é essa Maria?

Piter. — É uma linda rapariga da aldêa de ..., ao pé de Arenemberg... oh! eu não a tornarei a ver mais!...

O Coronel. — Não te entendo, Piter; explica-te.

Piter. — Pois bem! leia o meu coronel esta carta, e saberá tudo.

E entregou-lhe uma carta, que o coronel leu em voz alta: todas as suas palavras estão ainda gravadas na minha memoria.

« Meu querido Piter. Aproveito este recruta, que vai para o teu regimento, para te mandar esta carta e essa bolsa de seda que fiz de proposito para ti. Meu pai continúa a ralhar comigo por eu te amar tanto, dizendo que tu não tornarás cá e que morrerás na campanha. Porém eu não o creio; e estou bem certa que has de voltar. Não é verdade, meu querido Piter, que tu não has de morrer? Bem sabes que isso me causaria muita pena. Mas, ainda quando assim não fosse, eu te havia de amar sempre. Jurei-te fidelidade naquelle dia em que tu apanhaste o meu lenço azul, que eu tinha perdido na dança de Arenemberg, e que n'ó vieste entregar, lembras-te? O que me consola é dizer-se: que tu és estimado de teus superiores, e amado dos teus camaradas; é porque és um bom rapaz. Porém ainda te faltão tres annos de serviço; trata de os acabar depressa para vires casar com a tua querida — Maria.

« P. S. — Vê se me mandas alguma prenda lá de França, não porque haja medo que eu te esqueça, mas para a trazer sempre sobre o meu coração. Tu a beijarás quando a mandares, e eu adivinharei o lugar onde a tiveres beijado, para ali tambem dar todos os dias mil beijos. »

Acabada a leitura, Piter continuou:

— O recruta entregou-me esta carta montem á noite quando me davão o meu boletto. Toda a noite não pude dormir, a pensar em Maria e na

minha aldêa. Ella pedia-me uma prenda, e eu yia-me sem dinheiro: tinha rebatido tres mezes de pret, para dar a meu primo quando ha poucos dias voltou para casa com a sua baixa. Quando esta manhã me levantei para marchar, abri a janella do quarto: um lenço azul estava estendido n'uma corda... era inteiramente irmão do de Maria, a mesma cercadura, as mesmas riscas brancas... oh! eu o teria tomado, ainda que elle fosse do rei: tão cego eu estava de amor! As caixas já tocavão; não tive mais tempo que mettel o no seio e sahír para a rua. Esta mulher veio gritando atraz de mim; chegou um official; achou-me o lenço... Eis aqui está toda a verdade. O regulamento manda que eu seja fuzilado: paciencia. Só peço aos meus officiaes e camaradás que me não desprezem como um vil ladrão.

Os juizes não podião encobrir a sua commoção. Contudo passou-se á votação, e Piter foi condemnado á morte por unanimidade. Elle ouviu a sentença com sangue frio. Depois, chegando-se ao seu capitão, pediu-lhe quatro francos. O capitão lh'os deu logo. Piter dirige-se então para a dona do lenço e lhe diz:

— Mulher, aqui tem quatro francos: não sei se o seu lenço vale mais; mas, se assim fór, eu o pago bem caro; para que recuse entregar-m'ó.

Recebendo o lenço, beijou-o repetidas vezes, e o foi entregar ao seu capitão, dizendo-lhe:

— Meu commandante, creio que antes de muito tempo o regimento tornará a atravessar a Suissa; se passar perto de Arenemberg, peço-lhe que procure Maria e lhe entregue este lenço azul; mas por Deus que lhê não diga o preço por que o eu comprei.

Dito isto ajoelhou, fez uma breve oração, e marchou para o logar do supplicio.

Eu corri então para um bosque visinho, para não presenciar esta cruel tragedia. Dentro em pouco alguns tiros de espingarda me annunciãrão que ella estava acabada.

Voltei ali passada uma hora: o regimento já tinha marchado; tudo estava mudo! Á borda do bosque alguns vestigios de sangue e um monticulo de terra revolvida de fresco.... Cortei um ramo de abeto, fiz uma cruz e cravei sobre a sepultura do pobre Piter, talvez á esta hora já esquecido de todos, meos de mim e de Maria.

(Do Arch. Pop.)

Viscondessa da

Um logro completo.

Um velho cabeçudo, e não sei mais o que, morrendo, deixou por seu herdeiro a um compadre espertalhão, que ha muitos annos lhe fazia roda á herança ou testamentaria, prejudicando por tal fórma os direitos incontestaveis de um filho que tinha: havia contudo no testamento a clausula de que este santo compadre daria, por uma vez, para estabelecimento de seu filho, a quantia que quizesse. Tomando logo o compadre posse da herança, offereceu uma quantia insignificante

ao mancebo, o qual desta escandalosa usurpação recorreu aos tribunaes. No dia em que se sentenciava a causa, presidia o vice-rei conde dos ... e vendo decidir contra o mancebo, não pôde consentir nesta injustiça.

— Não me admiro, disse elle, de que o herdeiro requeira o gozo das vantagens, que o testamento parece assegurar-lhe; mas, não concebo, como um juiz, encanecido no exercicio de julgar, possa a tal ponto enganar-se sobre o verdadeiro sentido da clausula do testamento. Dizei-me, Sr. herdeiro, a quanto monta a herança?

— A cem mil cruzados, senhor.

— E della offerceis ao filho do testador?

— Oito mil cruzados.

— Bem, neste caso, *quereis* para vós noventa e dous mil cruzados?

— Em virtude das disposições do testamento.

— Pois eu digo, que, em virtude das disposições do testamento, vós sereis obrigado a dar noventa e dous mil cruzados ao filho do testador.

— Como assim, Excellentissimo!!

— O testamento diz, que vós lhe dareis a *quantia que quizerdes*: o que vós quereis são noventa e dous mil cruzados e não oito mil; e é portanto a quantia de noventa e dous mil cruzados, *que vós quereis*, a que á elle lhe pertence pela clausula do testamento, e a que eu vos mando que pagueis no prazo de quarenta e oito horas.

Debalde quiz o compadre replicar e compor-se, offerecendo ao mancebo a metade da herança; o conde foi inflexivel, e deste modo emendou a injustiça de um velho demente.

Ainda está por saber-se, se o velho era de mente, ou se quiz lograr o compadre.

O que é certo, é que o compadre endoudeceu.

AO SR. PATRICIO RICARDO FREIRE,

Faltariamos ao nosso dever, se nós, em nome do nosso sexo, não patenteassemos nesta occasião ao Sr. Patricio Ricardo Freire, o nosso mais profundo reconhecimento, todas as nossas sympathias, pelo acto generoso e philantropico, que acaba de praticar, dotando a duas orphaãs do collegio da Imperial Sociedade Amante da Instrução, com uma apolice de um conto de réis, para o casamento de cada uma dellas. Esta esmola á orphandade indigente, á filha sem mãe, que, por amparo de sua juventude, só teve o auxilio beneficente da Imperial Sociedade Amante da Instrução, é por sem duvida, digna de um Brasileiro, como o Sr. Patricio. O Céu, que galardoa o justo, que o fortifica no amor da caridade, que o alegra e conforta a par do seu proximo, que elle ama como a si mesmo, acolherá

no seu manto benevolo e paternal, esta louvavel e nobre acção. Não serão só estes os beneficios que do mesmo benefactor receberão as orphaãs do collegio da Imperial Sociedade Amante da Instrução.

O BENEFICIO AOS MADEIRENSES.

Nossas assignantes já terão noticia do infortunio, que reduziu a lavoura da ilha da Madeira ao desgraçado estado de miseria. A fome assola sem piedade aquelles infelizes lavradores, e entre as angustias dos dias afflictivos que passam, elles soltão um gemido agonizante e voltão o desfigurado rosto para seus irmãos— Um beneficio, ah... uma esmola a quem tem fome— E' a interpretação desse gemido compungente...!

As mui dignas socias da sociedade Phil'Euterpe sentirão esse gemido; estremecerão seus corações sensiveis; e a devoção da mulher para logo appareceu cuidados junto á desgraça. Acompanhadas, pois, pelo seu director de orchestra e canto, o Sr. José da Silva Ramos e os mais dilettanti, que formão a parte lyrica da Sociedade, emprehenderão realisar um acto de caridade em favor dos infelizes Madeirenses; e para esse fim concordarão em dar um beneficio no salão da mesma Sociedade. Este beneficio terá logar no dia 10 do corrente mez. O programma será dividido em duas partes— A primeira, em que as senhoras, e socios dilettanti, executarão varias peças de musica da mais escolhida, acompanhados a grande orchestra— A segunda, que será sómente baile, das onze horas da noite em diante.

Desta forma contribuem estes dignos socios com o contingente, de que podem dispor, em beneficio de irmãos desvalidos que supplicão o soccorro geral. Que generoso procedimento! Que de bençãos não lançará aquelle povo agradecido por sobre o nome destas senhoras, destes socios caridosos, que tão esmerados invidião seus esforços para minorar-lhes o soffrimento da miseria! Oh! mil louvores á estas senhoras, á estes cavalheiros, e ao Sr. José da Silva Ramos.

A REDACTORA EM CHEFE.

CHARADA.

Ahí roja o criminoso 5
No penar pena causando, 4
E mit segredos guardando
É discreto e procvitoso.

A decifração da charada do n.º 51 é: *Archeiro.*

Acompanha este n.º 52 uma estampa com figurinos de passeio e de visita.